

BOM DIA

UM FILME DE YASUJIRO OZU



“Os planos estáticos de Yasujiro Ozu transmitem uma rejeição amargamente irônica e corrosivamente radical dos códigos japoneses de silêncio e moderação. Ele é um cineasta extremamente político, e em BOM DIA, uma nova versão da sua comédia de 1932 “Nasci, mas...”, Ozu transforma o silêncio no seu tema principal. Através de cenas divertidas e calorosas, ele emerge como o abismo do conflito geracional; mas aqui, Ozu destaca as irônicas inversões que existem nas suas mentes. Se por um lado repudia os comportamentos sufocantes dos mais velhos, também se preocupa com a imprudência desinibida e sem restrições dos jovens, que são mais influenciados pelos meios de comunicação de massas e pela cultura Ocidental do que pela família e pela tradição. Todas as suas personagens estão dessincronizadas, e Ozu não tem solução para as organizar, nem proporciona nenhuma resposta à pergunta sobre aquilo em que o Japão se transformará. A sua resignada sabedoria reside em saber que não existe outra escolha senão acreditar no poder do tempo – porque, como vimos em muitos dos seus filmes iniciais, Ozu sabia bem como as formalidades de tempos passados levaram à destruição militarista.”

Richard Brody - The New Yorker

(Richard Brody é crítico de cinema no The New Yorker)

“BOM DIA é o filme atípico da carreira de Yasujiro Ozu, o filme que menos se parece com qualquer um dos outros, e um dos poucos no qual ele vê o mundo através do olhar de crianças.

Em BOM DIA, Yasujiro Ozu faz uma visita aos subúrbios e regressa uma pessoa mais feliz. Faz-nos mergulhar num novo Japão, um local luminoso e vivaz onde as influências culturais americanas se infiltraram na vida quotidiana. O enredo gira em redor dos altos e baixos da classe média suburbana num pequeno bairro, onde casas minúsculas estão rodeadas por cercas brancas e preenchidas por mobiliário colorido. As donas de casa pulam entre casas, trocas de comida, bebida, e por vezes cruéis mexericos. Os miúdos entram e saem das casas dos vizinhos para verem os campeonatos de Sumo na televisão. A televisão está, na verdade, no centro da história. O Senhor Hayashi não vai comprar o aparelho, preocupado com o facto de “a televisão ir fabricar 100 milhões de idiotas”. Desesperados por uma, os filhos de Hayashi praticam em primeiro lugar a resistência passiva, escalando posteriormente para os berros e para os gritos até, finalmente, iniciarem um protesto silencioso.

Mas a crítica mais forte de Ozu é dirigida à cultura japonesa. Apesar de muitos dos seus filmes serem construídos em redor dos diálogos banais e comuns da vida quotidiana, aqui ele critica a propensão dos adultos para conversas sem sentido, a conversa fiada que “funciona como lubrificante neste mundo”. É o vazio da tagarelice dos adultos que transforma os pequenos miúdos desejosos de uma televisão em críticos sociais. Eles não querem crescer num mundo de rituais sem significado, um mundo onde dois jovens de vinte anos apaixonados não podem ir além de conversas gentis sobre o tempo.

Os filmes de Ozu são meditativos, mas nunca aborrecidos. Revelam-se lentamente e de forma oblíqua, através dos diálogos, do elegante e minimal trabalho da câmara, dos planos gerais compostos de forma bela, do design de som meticuloso. Gosto de acreditar que esta mistura de minimalismo, humor e vida quotidiana vai durar mais do que o cinema sintético e dominado por efeitos especiais da actualidade, e talvez venha prefigurar o cinema do futuro.”

Rick Prelinger - Extraído do ensaio incluído na edição em DVD de BOM DIA (Criterion Collection)

(Rick Prelinger é um arquivista, argumentista e cineasta, a viver em San Francisco.)